



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

EZEQUIEL OLIVEIRA DO NASCIMENTO

MÚSICA, GEOGRAFIA E ENSINO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIAS

FORTALEZA

2025

EZEQUIEL OLIVEIRA DO NASCIMENTO

MÚSICA, GEOGRAFIA E ENSINO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Geografia do Centro de Ciências da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Alexandra Maria de Oliveira.

FORTALEZA

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

N194m Nascimento, Ezequiel Oliveira do.

Música, Ensino e Geografia : Um relato de experiências / Ezequiel Oliveira do Nascimento. – 2025.

48 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Curso de Geografia, Fortaleza, 2025.

Orientação: Profa. Dra. Alexandra Maria de Oliveira.

1. Geografia. 2. Ensino. 3. Música. 4. Recurso Didático. 5. Formação Cidadã. I. Título.

CDD 910

EZEQUIEL OLIVEIRA DO NASCIMENTO

MÚSICA, GEOGRAFIA E ENSINO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Geografia do Centro de Ciências da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Alexandra Maria de Oliveira.

Aprovada em: 06/03/2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Alexandra Maria de Oliveira (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a. Ms. Emanuel da Costa Pereira
Universidade do Estado de Mato Grosso

Prof. Antoine Queiroz de Souza
Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, Fabiola e Francisco Jozivá e minhas avós Maria das Dores (*In Memoriam*) e Maria Valdelice.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus pais, que durante toda minha vida me permitiram alçar voo e me apoiaram, nas suas maneiras, em minhas decisões.

Às minhas avós, Maria das Dores (*In Memoriam*) e Maria Valdelice, por terem lutado tanto por quem amam.

Aos amigos que fiz durante a graduação e com quem pude conviver durante todos esses anos, que, sem sombra de dúvidas, reduziram o grande peso de todo esse período. Samuel, Daniel, Kíldere, José Luiz, Fernando, Ítalo, Victor, João Pedro, Breno e Moisés, que o fim desse ciclo não signifique o nosso distanciamento.

Aos amigos que ainda não pude conhecer pessoalmente, mas que fazem parte da minha vida. João Augusto, Molina, Leander, Raul, Camile, Ytallo, Heloísa, Greff e vários outros. Em especial à grande amiga Rhanna Lucas, que, mesmo distante, me acompanhou em toda essa jornada e, com certeza, estará comigo por muitos outros anos.

Às professoras e professores do meu ensino básico que, com suas contribuições, possibilitaram que eu chegasse até aqui, em especial àqueles que se tornaram grandes amigos(as): Antoine, Edson, Larissa, Thiago (*In Memoriam*), Márcia Rodrigo, Edna, Samuel, Renan, Luiz Cláudio, Stephano e muitos outros.

A todo corpo docente do curso de Geografia da Universidade Federal do Ceará e docentes de outros departamentos com quem tanto pude aprender, especialmente à minha orientadora, Profa. Dra. Alexandra Maria de Oliveira, por ter me guiado durante o encerramento deste ciclo.

A todos aqueles que não foram citados, mas que fazem parte da minha história, sejam familiares ou amigos.

O que podemos fazer? Temos que viver nossas vidas! Viveremos dias muito, muito longos. E noites muito longas. Enfrentaremos os desafios que o destino enviará ao longo de nosso caminho. Mas não poderemos descansar, teremos que trabalhar para os outros. Agora e quando estivermos velhos. E quando chegar a nossa hora, partiremos em paz. E na vida após a morte, contaremos ao Senhor que sofremos, que choramos, que a vida foi difícil. E Deus... terá misericórdia de nós. Então, você e eu... veremos aquela vida brilhante e maravilhosa que sonhamos, diante de nossos olhos. Devemos nos alegrar e com sorrisos ternos em nossos rostos, vamos olhar para trás em nossa dor. E finalmente, descansaremos. Eu acredito nisso. Acredito fortemente nisso, do fundo do meu coração. Quando chegar a hora, descansaremos.

- TCHEKÓV, Anton (adaptado por Ryusuke Hamaguchi), 2021

RESUMO

Este relato descreve as experiências vividas em duas escolas diferentes, ambas tendo como objetivo utilizar a música como um recurso didático para as aulas de geografia. A primeira foi uma participação no projeto chamado “Geografia e Música” e que depois passou a ser chamado “Música e Formação Cidadã”, realizado na Escola Estadual de Educação Profissional Maria Carmem Vieira Moreira, localizada em Maracanaú-CE, que visava discutir geografia a partir de composições de artistas e bandas nacionais interligando as letras à temas transversais ou da geografia. A segunda foi realizada com turmas de Ensino Fundamental anos finais e Educação de Jovens e Adultos na Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria Pereira da Silva, situada em Maracanaú-CE, durante um dos estágios curriculares da graduação, com o objetivo de utilizar um recurso artístico didático em sua intervenção na sala de aula. As experiências vividas mostraram que a música tem um grande potencial enquanto recurso didático nas aulas de geografia e também em ambientes fora da sala de aula, desenvolvendo o senso crítico e a formação cidadã.

Palavras-chave: Geografia; Ensino; Música; Recurso didático; Formação cidadã.

ABSTRACT

This report describes the experiences lived in two different schools, both aiming to use music as a didactic resource for geography classes. The first was participation in a project called "Geography and Music" which later became known as "Music and Citizen Formation," carried out at the State School of Professional Education Maria Carmem Vieira Moreira, located in Maracanaú-CE. The project aimed to discuss geography through compositions by national artists and bands, connecting the lyrics to transversal or geographical themes. The second experience was conducted with elementary and EJA (Youth and Adult Education) students at the Municipal School of Elementary Education Maria Pereira da Silva, also located in Maracanaú-CE, during one of the undergraduate curricular internships. The goal was to use an artistic didactic resource in classroom intervention. The experiences demonstrated that music has great potential as a didactic resource in geography classes and also in environments outside the classroom, developing critical thinking and citizen formation.

Keywords: Geography; Education; Music; Didactic Resource; Citizenship Formation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fachada da EEEP Maria Carmem Vieira Moreira	24
Figura 2 – Intervenção do Projeto “Geografia e Música” com o tema “Violência”, em 2017	27
Figura 3 – Intervenção do Projeto “Geografia e Música” com o tema “Violência”, em 2017	28
Figura 4 – Homenagem a Rita Lee	29
Figura 5 – Homenagem a Rita Lee	29
Figura 6 – Fachada da Escola EMEF Maria Pereira da Silva	32
Figura 7 – América Anglo-Saxônica e América Latina	35
Figura 8 – Protesto em Brasília contra o Marco Temporal em 2023	40
Figura 9 – Publicação em jornal sobre protestos indígenas no Congresso	40
Figura 10 – Música e Formação Cidadã com as músicas “Índios” e “Um Índio”	41
Figura 11 – Música e Formação Cidadã com as músicas “Índios” e “Um Índio”	41

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Causa do desinteresse dos alunos nas aulas de Geografia

14

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	INTERLIGANDO GEOGRAFIA, MÚSICA E ENSINO.....	17
3	RELATANDO EXPERIÊNCIAS.....	23
3.1	Ensino Médio: Geografia e Música.....	23
3.2	Estágio Supervisionado em Geografia III.....	30
3.2.1	<i>A realização do Estágio: da Observação à Regência.....</i>	33
3.3	Coletivo Gestora Utópica: Música e Formação Cidadã.....	39
4	CONCLUSÃO.....	43
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	44
	MÚSICAS REFERENCIADAS.....	47

1 INTRODUÇÃO

No contexto de uma sociedade científico-tecnológica, faz-se necessário refletir acerca da sala de aula. Tal reflexão deve tratar das diferentes linguagens que podem ser utilizadas em sala de aula, considerando que hodiernamente existem uma infinidade de recursos didáticos a serem explorados.

Para Souza (2007, p.111), recurso didático “é todo material utilizado como auxílio no ensino-aprendizagem do conteúdo proposto para ser aplicado pelo professor a seus alunos”. São elementos que podem facilitar a aprendizagem de um conteúdo, sendo aplicados tanto em sala de aula quanto em outras formas de ensino. Eles podem variar entre livros, vídeos, jogos, músicas, gráficos, mapas e uma infinidade de outros recursos – a variedade é imensa, graças também ao avanço das tecnologias digitais, além de poderem produzir seus próprios recursos (mapas conceituais, atividades lúdicas, materiais impressos e outros).

É fundamental que, na escola, os professores busquem cada vez mais empregar diferentes metodologias de ensino, não somente visando o interesse e engajamento dos alunos, mas também reconhecendo o potencial de recursos alternativos ao quadro e livro didático.

Além da gama de recursos a serem explorados e aproveitados, o uso de diferentes metodologias em sala de aula torna-se necessário também para que a aula não acabe virando desinteressante, não se prenda ao formato de “aula-monólogo”. Durante a semana inteira, os alunos têm aulas que vão ao longo dos dias se tornando repetitivas e cansativas, prejudicando a aprendizagem. É necessário repensar a fim de despertar a curiosidade e atenção dos alunos, fazendo-os participar da aula.

Sobre o que torna a aula de Geografia desinteressante, para Hahn e Kaercher (2016):

[...] o que a faz monótona e sem atrativos para muitos é a forma com que seus ministrantes a tratam e expõem aos alunos. Como se a geografia ficasse presa nas páginas do livro, tão perto e ao mesmo tempo tão distante de nós. (p. 256-257)

A educação é um campo que está em constante evolução e mudança. Com o avanço da tecnologia e a disponibilidade de informações na internet, os alunos tornam-se cada vez mais exigentes e esperam mais dos seus professores. Isso significa que o planejamento de aulas mais atrativas e dinâmicas é um desafio constante para a escola e seus professores. A verdade é que, se apenas realizamos uma explanação de informações sobre um conteúdo, estamos executando algo que o aluno poderia fazer por conta própria. Afinal, a simples transmissão de conhecimento não é suficiente para preparar os alunos para o mundo complexo e desafiador em que vivemos. Os alunos precisam desenvolver habilidades como pensamento crítico, resolução de problemas e criatividade, e isso só pode ser alcançado por meio de uma abordagem mais interativa e envolvente.

Para Oliveira e Holgado (2016):

Um dos grandes desafios impostos à escola e ao professor é a preparação e elaboração de aulas mais atrativas, uma vez que a informação por si só, o aluno pode obter em outros meios – ainda que não legitimados – e assim, muitas vezes, a sala de aula esvazia-se. (p. 84-85)

Ainda para Oliveira e Holgado (2016, p.85), é necessário fazer com que o ensino faça o aluno identificar-se e querer vir à escola, não apenas para receber um conteúdo, mas para transformar estes conteúdos em conhecimento e sabedoria. Essa questão está incluída também nas aulas de Geografia, haja visto que diferentes pesquisas e artigos mostram o desinteresse de alunos em relação às aulas de Geografia que são, basicamente, uma exposição de nomes de países e capitais a serem decorados, ou suas infinitas formas e relevos. Este tipo de atividade faz com que o aluno se torne passivo, esteja ali apenas para escutar, faz a aula tornar-se apenas uma transmissão de um conhecimento vazio e, para os alunos, sem uma representação de sua realidade, como mostrado na tabela (01), elaborada por Silva e Lima (2013, p. 2) a partir de uma pesquisa realizada com um universo de 90 alunos do Ensino Fundamental de uma escola privada de Belém, estado do Pará, nas turmas de 7º, 8º e 9º ano.

Tabela 1: Causa do desinteresse dos alunos nas aulas de Geografia

Causas do desinteresse dos alunos nas aulas de Geografia	Quantidade de respostas	Porcentagem (%)
A metodologia utilizada pelo professor	39	43,3%
A disciplina é muito descritiva	27	30%
Falta de relação entre o conteúdo e a realidade	13	14,4%
Falta de interesse do aluno	9	10%

Fonte: Silva e Lima, 2013, p. 2.

Atualmente, muito se pensa acerca da problemática das aulas que não têm mais atraído a atenção dos alunos. Mas é necessário que os próprios educadores reconheçam que precisam sempre estar pensando acerca da sua própria metodologia e estarem abertos às discussões sobre novas práticas. A resistência a tais discussões pode se dar tanto por professores recém-formados, que podem entrar em um ciclo de acomodação, quanto por professores formados em outras épocas, apresentando resistência às novas metodologias. Existe uma tendência a optar por métodos mais tradicionais por medo de inovar ou pela inércia que existe no nosso sistema educacional, como afirmam Castoldi e Polinarski (2009, p. 685).

“[...] a maioria dos professores tem uma tendência em adotar métodos mais tradicionais de ensino, por medo de inovar ou mesmo pela inércia a muito estabelecida em nosso sistema educacional.” (CASTOLDI, POLINARSKI, 2009, p. 685).

No fim das contas, não se trata de uma mudança drástica que desconsidera a importância dos métodos de ensino tradicionais ou das formações recentes, mas sim de preencher as lacunas que ambas as situações deixam. Trata-se de criar estratégias de ensino diversificadas, a fim de contemplar necessidades de aprendizagens dos alunos, buscando relacionar o conteúdo com suas vivências e trazendo aquele conhecimento para seu dia a dia. Baseando-se nisso, a pesquisa tem como objetivo relatar e analisar as experiências vividas com o uso da música como recurso didático no ensino de geografia. O primeiro relato será sobre minha participação no projeto

“Geografia, Música e Formação Cidadã”, realizado na Escola Estadual de Educação Profissional (EEEP) Maria Carmem Vieira Moreira com turmas de 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio, orientados pelo professor de geografia da escola. O objetivo era promover a formação cidadã e desenvolver o senso crítico dos alunos. O projeto buscou ensinar geografia através da música popular brasileira em diferentes momentos, como a realização de reuniões da equipe do projeto e intervenções no auditório da escola. Bons resultados foram perceptíveis durante a participação. O primeiro relato será sobre a disciplina de Estágio curricular supervisionado em Geografia III, realizada durante a graduação, na Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Maria Pereira da Silva, onde trabalhou-se com turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA) e tinha como objetivo a realização de um Experimento Artístico Geoeducativo (EXPARGEO), através da aplicação de um recurso didático que envolvesse a utilização da arte escolhido pelo estagiário em suas intervenções. O experimento foi realizado com duas turmas diferentes e apresentou bons resultados, mas também levantou algumas questões.

A escolha do tema para o trabalho de conclusão de curso foi motivada pela minha paixão quase-que-melomaníaca pela música, em especial a Música Popular Brasileira (MPB), que tem me acompanhado durante toda minha vida, mas especialmente da adolescência até os dias de hoje. Além disso, escolhi esse tema também por acreditar na relação que a música pode ter com o estudo de Geografia. Durante o Ensino Médio, tive a oportunidade de participar de projetos que envolviam a discussão sobre o espaço geográfico utilizando a música, interpretando lugares, culturas, paisagens, acontecimentos e fenômenos da Geografia. Foi aí que percebi o potencial da música enquanto recurso didático para o ensino de Geografia. Além do projeto, durante as aulas de Geografia no Ensino Médio também pude perceber tal potencial, pois me ajudava a compreender conceitos, desenvolver o senso crítico e observar que a ciência e a arte estão interligadas. A partir dessas experiências, percebi que a música pode ser utilizada como uma ferramenta eficaz para despertar o interesse dos alunos e facilitar a compreensão dos conteúdos de Geografia.

Este trabalho está composto por quatro capítulos, sendo este o primeiro. O segundo capítulo disserta sobre a relação que há entre a música, a geografia e o ensino, dialogando e definindo sobre os termos chave que serão utilizados durante o trabalho. O terceiro capítulo é composto pelo relato de experiências vividas pelo autor

com projetos que envolvem a música e o ensino de geografia, dentro do período de 2015 até 2023. O quarto capítulo contém a conclusão sobre o que o autor vivenciou e propôs durante as experiências relatadas.

2 INTERLIGANDO MÚSICA, GEOGRAFIA E ENSINO

A música, ao longo da história, tem se mostrado uma potente ferramenta de comunicação e expressão cultural. No contexto educativo, seu potencial vai além do entretenimento, podendo ser uma aliada significativa no ensino de diversas disciplinas, incluindo a geografia. Este capítulo explora como essa forma de arte pode ser utilizada de forma eficaz no ensino da geografia, ajudando não só na compreensão dos conteúdos geográficos, mas também promovendo uma formação cidadã mais humanista e solidária. Serão abordadas experiências e estratégias didáticas que integram a música com o objetivo de enriquecer a aprendizagem e promover o respeito à diversidade socioambiental, política e cultural.

Na introdução do livro *Geografia e Música: Diálogos*, Alessandro Dozena, Organizador da obra, o autor inicia questionando se “Geografia e Música, seriam campos científicos e/ou artísticos complementares?” (Dozena, 2016, p. 2), e nos diz que as perspectivas mais dogmáticas e cartesianas da Geografia poderiam simplesmente responder a esta pergunta com um “não”. Tais perspectivas poderiam até mesmo dizer que é um questionamento que sequer deveria ser feito. Porém, desenvolve a ideia de que é preciso repensar acerca disso, argumentando que “[...] geografia e música são transversais à vida humana em suas múltiplas dimensões: sons, sentidos, espacialidades, ritmos, fluxos, melodias, etc.” (Dozena, 2016, p. 8).

Compreender que a geografia e a música – ou até mesmo todas as artes – estão conectadas é um dos passos a serem dados para o desenvolvimento de um Ensino de Geografia que saia do gabinete. É observar que, através da arte, os seres humanos expressam vivências, denunciam problemas, clamam por mudanças. Também falam do seu cotidiano, das paisagens que lhe são costumeiras, das mudanças que nelas acontecem. Ainda aproveitando a introdução de Dozena (2016):

Lembro-me da professora Samira Peduti Kahil indo assistir a uma das apresentações da Orquestra Sinfônica e me dizendo: “Alessandro, música é geografia... geografia em sons”! (p. 9)

Muniz (2012) enfatiza que, dentre os mais variados recursos didáticos, a música se torna um deles por apresentar, dentro das letras, noções e conceitos básicos de Geografia. Além disso, tem influência também em nossa subjetividade,

desejos e comportamentos (p. 81). Por qual motivo não utilizaríamos, em nossas aulas, algo que mexe com nossas emoções e que, além disso, ainda apresenta, com certa mediação a ser realizada pelo professor, aquilo que queremos mostrar?

Ainda para Muniz (2012), a utilização de recursos didáticos durante a aula é importante para quebrar a distância que há na relação professor-aluno. Tais linguagens, e nesse caso a música, aparecem como algo diferente que está inserido na vida de ambos. Vale ressaltar que em momento algum a proposta é o abandono da maneira clássica de ensinar, e sim complementar o que já é feito com o intuito de criar uma aula e um ambiente que preze pela participação dos alunos, e não somente um professor em uma aula-monólogo.

Oliveira e Holgado (2016) também constataam a necessidade de se pensar um ensino que faça o aluno querer vir à escola, considerando o atual panorama de desinteresse dos alunos em relação às aulas de geografia. Mesmo que os alunos estejam presentes em salas de aula, isso não significa que estes participam da aula – o que resulta em uma dinâmica na qual o aluno é apenas um receptáculo de conhecimento, e não necessariamente um agente na produção de conhecimentos. A partir do momento que o professor é um transmissor de conteúdo, está se tornando substituível e fazendo com que alunos não vejam sentido nas aulas, uma vez que, de fato, não faz sentido apenas decorar nomes de países, rios ou regiões.

Para Lacoste (1988, p. 171 apud Oliveira; Holgado, 2016, p. 85), os alunos não se importam com as aulas de geografia por não verem nela sentido, e defende que televisão, cinema (e, pensando nos dias de hoje, a internet) são “como concorrentes pedagógicos do professor”, fazendo com que os alunos, entediados, não se interessem pela geografia em classe.

Para entendermos como a música pode ser útil para mudar tal panorama, devemos observar a presença dessa forma de arte na vida dos alunos, “seja nos intervalos, utilizando fones de ouvido, ou até mesmo em horários não permitidos”. É perceptível que a música é algo que lhes chama a atenção (Oliveira; Holgado. 2016, p. 86).

A relação da música com os conteúdos geográficos aparece na música tanto nas letras quanto nos ritmos e nas melodias. Podemos, através da música, conhecer diferentes espaços devido aos elementos que nas músicas aparecem.

Ao ouvir uma música, podemos ser levados a pensar em diferentes lugares, talvez seja pelas descrições que são feitas nas letras das músicas ou pelos significados que podem ser atribuídos por aqueles que ouvem as músicas. (OLIVEIRA; HOLGADO, 2016, p. 86-87)

Em um país de dimensões continentais como o Brasil, temos os mais diferentes gêneros com suas músicas representando tanto as diferenças regionais, como também as mudanças que ocorrem na sociedade ao longo do tempo. Essas diferenças têm influência até mesmo na maneira como nos vestimos, agimos e nos expressamos.

Ao ouvir o som de uma gaita (também chamada de acordeom), podemos associar aos estilos musicais presentes no Rio Grande do Sul, como bugio. Ao ouvir o maracatu, podemos associar ao estado de Pernambuco. Dessa maneira, a música pode ser vista como uma forma de implantar um sentido de orgulho para as pessoas que vivem em um lugar. (CARNEY, 2007 apud OLIVEIRA; HOLGADO, 2016, p. 87)

Um ponto importante a se considerar é o planejamento das aulas. A partir do momento em que o professor decide levar música para a sala de aula, deve pensar em como tal ferramenta irá complementar e enriquecer sua aula. É preciso que, ao escolher tal forma de arte como um recurso didático a ser utilizado durante a aula, esta deve ser utilizada para ajudar na compreensão do tema a ser tratado. É preciso mostrar aos alunos como olhar o Espaço Geográfico através da música – uma tarefa que não é simples. Em nenhum momento pode-se esquecer que, no fim das contas, ainda é uma aula. A arte tem suas potencialidades, mas estas devem ser aproveitadas da maneira correta. O professor deve realizar reflexões acerca da sua prática pedagógica, como ressalta Freire (2009, p. 22), “a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blábláblá e a prática, ativismo”.

E ainda, Oliveira e Holgado (2016) afirmam:

A música pode ser o novo durante as aulas! Uma forma de questionar a leitura dos lugares em que vivemos, de pensar nos espaços de outras formas. Até mesmo se surgirem perguntas do tipo “que música é essa? Por que essa música tem relação com a aula?”. Podemos gerar uma desconforto nos alunos, e, assim, fazer com que pensem a relação destes elementos com a espacialidade, com as aulas de Geografia (OLIVEIRA; HOLGADO, 2016, p. 92).

Para Viana (2000, p. 109 *apud* Fuini, 2013, p.95), sobre música:

[...] é um veículo de expressão que atinge os jovens nas práticas docentes. É possível estudar o nosso cotidiano através de letras de músicas populares e habituais dos jovens, estabelecendo relações sociais e espaciais a partir delas. A análise de letras de canções oferece um instrumental a mais no auxílio ao professor em seu processo pedagógico de sistematizar conteúdos de forma criativa (VIANA, 2000, p. 109 *apud* FUINI, 2013, p. 95).

Fuini (2013) defende que a utilização da música é um apoio pedagógico que quebra barreiras entre aluno e professor, fazendo com que o aluno se sinta atraído por aquilo que o professor propõe. O professor, por sua vez, também se sentirá seguro ao propor tal forma de aprendizado sobre determinado conteúdo.

Corrêa e Rosendahl (2007 *apud* Fuini, 2013, p. 96) afirmam que o Brasil apresenta uma grande variedade cultural que está diretamente ligada à música. A música, por sua vez, tem “[...] uma rica produção literária e musical que interessa diretamente ao geógrafo, sendo que muitas letras e canções apresentam referências espaciais”.

Cavalcanti (1988 *apud* Fuini, 2013, p. 96-97) afirma que utilizar a música estimula tanto a atividade mental quanto a física dos alunos, promovendo a interação com o saber escolar através de instrumentos cognitivos como observar, localizar, compreender, descrever e representar. O processo envolve audição e análise das canções, além do entendimento dos significados e das letras, que servem como ponto de partida para debates. Essa abordagem considera a vivência dos alunos e realiza uma espécie de transposição de suas experiências para os conceitos geográficos, além de expor os conhecimentos prévios e relacioná-los ao mundo vivido. Há também a promoção à interação e cooperação entre alunos. Para que tudo isso ocorra, a intervenção do professor é fundamental e ocorre com a proposição de atividades que se baseiam nos trechos musicais de canções que apresentem informações e conceitos, compreendendo-os de forma crítica.

Muitos autores e experiências têm demonstrado o impacto positivo da utilização de música como recurso didático. Macedo *et al.* (2020, p. 306) utiliza a música com a finalidade de construir uma educação na qual os diferentes agentes do processo de ensino, ou seja, alunos e professores, sejam participativos e, como resultado, ter a promoção do conhecimento crítico.

É nesse sentido que vislumbramos o uso da música como metodologia para o ensino de geografia. Entendemos que através da música é possível demarcar esse universo político, cultural e social que envolve a sociedade e, por conseguinte, a escola e seus integrantes (MACEDO et al., 2020. p. 306).

Na experiência de Macedo *et al.* (2020), dividida em seis etapas, a autora inicialmente apresentou às duas turmas do 3º ano do Ensino Médio Integrado do Instituto Federal de Educação do Pará (IFPA) quais seriam essas etapas: A primeira etapa consistiu na aplicação de conteúdos, que foram “Urbanização, Industrialização Brasileira e Migração”, com o apoio do livro “Fronteiras da Globalização: O Espaço Brasileiro, Natureza e Trabalho”, de Almeida e Rigolin (2014); A segunda etapa foi a de formação de grupos para escolher músicas relacionadas aos temas apresentados em sala; Na terceira etapa, os grupos formados elaboraram um texto relacionando o conteúdo apresentado em sala e músicas selecionadas por eles; Na quarta etapa, os grupos discutiriam internamente com a professora para mostrar como relacionaram conteúdo e música; A quinta etapa consistindo na apresentação de um seminário com o objetivo de socializar o que se produziu e debater; E a última etapa sendo o fechamento do semestre com a realização da palestra “Música popular brasileira e as canções de protesto”, com o objetivo de ampliar e consolidar a construção do pensamento crítico sobre o tema.

Em relação às músicas selecionadas pelas turmas, observou-se um foco em músicas que tratavam das regiões Nordeste e Norte do Brasil. Uma das turmas escolheu as músicas “Jumento Celestino”¹, “Pra não dizer que não falei das flores”², “Migração”³, “Asa Branca”⁴ e “Fotografia 3x4”⁵. Na outra turma, foram selecionadas “Asa Branca”⁶, “Peguei um Ita no Norte”⁷, “Súplica Cearense”⁸ e “Apesar de Você”⁹.

A autora observou que dentre os temas discutidos a partir das letras das músicas encontravam-se a desigualdade social, movimentos de migração, ditadura

¹ Mamonas Assassinas (1995).

² Geraldo Vandré (1968).

³ Jair Rodrigues (2008).

⁴ Luiz Gonzaga (1947).

⁵ Belchior (1976).

⁶ Luiz Gonzaga (1947).

⁷ Dorival Caymmi (1945).

⁸ Composta por Waldeck Macedo (1960) e interpretada pelo cantor o Rappa (2008).

⁹ Chico Buarque (1978).

militar, condições climáticas, cultura e assuntos relacionados à Amazônia. Também é destacado o poder de síntese dos alunos no decorrer dos debates, uma vez que temas anteriormente tratados eram incorporados às discussões sobre as letras das músicas.

Percebemos que à medida que as atividades avançavam, assuntos anteriormente estudados eram incorporados ao debate permitindo uma maior complexidade às discussões, associando-se os conteúdos geográficos às letras das canções. Assim, outros temas eram combinados aos conteúdos estudados, garantindo a consolidação e a ampliação do conhecimento e das inquietações dos discentes com relação ao mundo que vivem (MACEDO *et al.*, 2020. p. 313).

Por fim, no momento da avaliação dos objetivos propostos, foram realizadas entrevistas individuais para saber a opinião dos discentes. As avaliações feitas pelos alunos mostram, quase que em sua totalidade, que o que mais lhes atraiu foi a quebra da rotina, sair do convencional. Além disso, alguns alunos afirmaram que a utilização da música, que é algo que lhes acompanha diariamente, tornou o ato de estudar mais prazeroso.

A proposta metodológica de Macedo *et al.* (2020), que foi a pesquisa-ação, também foi utilizada no segundo relato deste trabalho, pois necessitava da interpretação qualitativa dos fenômenos e da reflexão do autor sobre sua própria prática. A pesquisa-ação vem sendo muito utilizada por vários pesquisadores da educação para analisar a relação professor-aluno, visando averiguar a qualidade e o uso de metodologias adotadas em sala de aula (Tripp, 2005 apud Macedo *et al.*, 2020, p. 304). No caso do primeiro relato, trata-se do relato das experiências vividas pelo autor no projeto “Geografia e Música”, pois “nem toda experiência é resultante de um processo de pesquisa”, conforme afirmam Ludke e Cruz (2010, p. 89). No caso do trabalho em questão, o relato refere-se ao que o autor pôde perceber durante sua participação no projeto, seja enquanto membro durante o ensino médio, ou como espectador em período mais recente.

3 RELATANDO EXPERIÊNCIAS

Durante toda minha caminhada, a música se fez presente das mais diferentes formas. Na infância, lembro das primeiras influências estarem relacionadas não ao que eu queria ouvir, e sim ao que se tocava nas rádios e na televisão. Na adolescência, em um momento no qual o acesso à internet e celulares já era mais comum, comecei a encontrar o que é que eu gosto de ouvir e tentar entender quem eu sou e como quero ser visto no mundo. Nos dias de hoje, eu dificilmente poderia escolher somente uma música, uma banda ou um estilo musical para me definir – somente dizer que a música faz parte da minha vida.

Neste capítulo, relatarei duas experiências vividas. Na graduação tive a oportunidade de trabalhar com turmas de ensino fundamental (anos finais) e Educação de Jovens e Adultos (EJA). A primeira parte do capítulo relata minha experiência no projeto “Geografia, Música e Formação Cidadã”, no qual participei como membro do projeto durante o ensino médio (entre 2015 e 2017) e, recentemente, como observador/espectador (2018, 2019, 2022 e 2023). A proposta da segunda parte deste capítulo é construir um relato sobre o que vivi durante as fases de observação, participação, planejamento e regência e da Experiência Artística Geoeducativa (EXPARGEO) realizada durante o Estágio III, no período de agosto à dezembro de 2022, onde utilizei a música como recurso didático em sala de aula.

3.1 Ensino Médio: Geografia e Música

O meu ensino médio foi o primeiro momento em que pude aprender geografia através da música. Certamente, hoje posso dizer que a música, algo que já amava, somou-se, no ensino médio, a uma nova paixão: a geografia. Desde então, foi impossível separar a geografia não somente da música, mas também da arte. E é impossível separar a arte da vida.

Realizei meu ensino médio durante o período de 2015-2017, na EEEP Maria Carmem Vieira Moreira, localizada na Rua Maria Ferreira, 150, Pajuçara, Maracanaú-CE (figura 1).

Figura 1: Fachada da EEEP Maria Carmem Vieira Moreira.



Fonte: Blog EP na Rede.

Quando cheguei ao ensino médio, saí de uma experiência não tão boa com a Geografia durante o ensino fundamental. Até então, não sabia que gostava da disciplina, pois carregava a ideia da ciência geográfica como algo “decoreba”, na qual somente aprendíamos quais eram as regiões do Brasil, quais eram os Estados, quais eram os rios, e por aí vai – muito do que já foi discutido até aqui sobre o que pode tornar uma aula de Geografia desinteressante. Foi justamente no ensino médio que tive experiências que me fizeram vê-la de uma forma diferente, e boa parte disso se deu por conseguir entender e perceber a disciplina no meu dia a dia. Lembro que ainda no primeiro ano, as aulas de Geografia, com o Professor Antoine Queiroz – também licenciado pela Universidade Federal do Ceará e hoje um grande amigo – foram sobre as categorias de análise da Geografia. Aquele conteúdo me interessava. A discussão sobre aquilo me interessava. Gostei de saber sobre territórios, sejam eles formais ou informais, e ver aquilo ao meu redor – mesmo que de uma maneira infeliz, com os territórios informais das facções; me interessava compreender a história de onde eu vivia através da observação e interpretação da paisagem e conseguir contar

a história de onde habito através das mudanças que na paisagem ocorrem; foi bom aprender o que é o lugar, o espaço que é praticado, que participamos, interagimos, pertencemos, e a partir daí dizer que a escola era meu lugar. Acredito que esse foi o primeiro passo na caminhada do meu próprio descobrimento enquanto geógrafo.

Outro momento marcante, e que tem ligação direta com música, geografia e ensino, foi uma aula – também no primeiro ano do ensino médio – sobre migração. Durante a aula, o professor Antoine utilizou a música "Faroeste Caboclo" (Legião Urbana, 1987) para nos explicar o tipo de migração definitiva, ou seja, quando há a intenção de viver em outro lugar. A música narra, assim como os fatores de atração e repulsão presentes na vida de João de Santo Cristo, sua jornada, migrando do sertão da Bahia em busca de uma vida melhor: 'Ele queria sair para ver o mar / E as coisas que ele via na televisão / Juntou dinheiro para poder viajar / De escolha própria, escolheu a solidão'. João vai até Salvador, onde conhece um boiadeiro que tinha uma passagem para Brasília, mas não poderia ir. João, então, vai para Brasília, onde, segundo o boiadeiro, "neste país, lugar melhor não há". Chegando lá, começou a trabalhar, se envolveu com a violência urbana, foi preso e muitas outras coisas. Resgato tal lembrança pois as experiências com música em sala de aula me levaram a me tornar monitor da disciplina (em minha turma, éramos eu e mais 4 amigos), e a monitoria só me aproximou ainda mais da geografia. O Professor Antoine é músico, então, para ele, a música também tem grande participação em sua caminhada. Observar a utilização da música no ensino da geografia de maneira crítica foi muito importante, pois modificou minha percepção sobre duas questões: o que a geografia ensina/é? E como podemos aprender com a música de uma forma que vai além das paródias ou "bizus"? Sobre a primeira questão, geografia é a ciência que estuda o espaço e a música pode retratá-lo. Respondendo a segunda pergunta, podemos aprender interpretando o que a letra da música quer nos dizer. As paródias, sem sombra de dúvidas, têm um papel importante na utilização da música como recurso didático, e digo isso sendo testemunha: na disciplina de química, o professor solicitou que fizéssemos uma paródia – que iria compor parte da nota – sobre os temas recentemente abordados em química orgânica. Eu e minha equipe fizemos uma paródia e gravamos um pequeno videoclipe, porém a composição foi minha, e essa paródia foi o que me ajudou a estudar o tema. Admito que não lembro toda a letra, mas nunca vou esquecer que a diferença entre amina e amida é a presença do radical

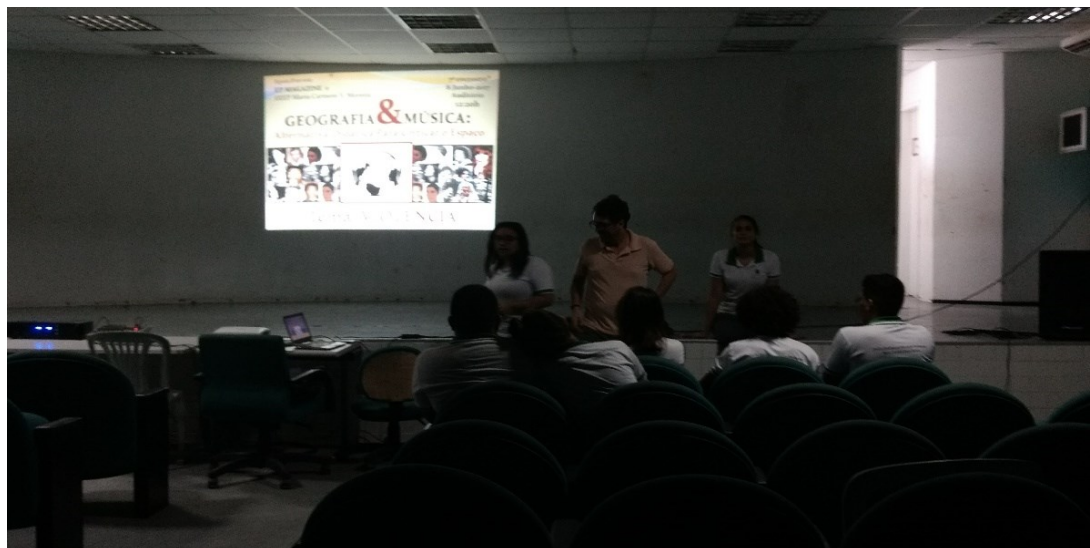
orgânico. Era uma paródia de uma música chamada “Faixa de Gaza”, e começava da seguinte forma: ‘Na química orgânica, tem [sic] as funções todas diferenciadas / Hidrogênio e cadeias de carbono são formadas / Os hidrocompostos é [sic] constituído por carbono e hidrogênio / Nós vai [sic] citar o propano, mas também tem o propeno’.

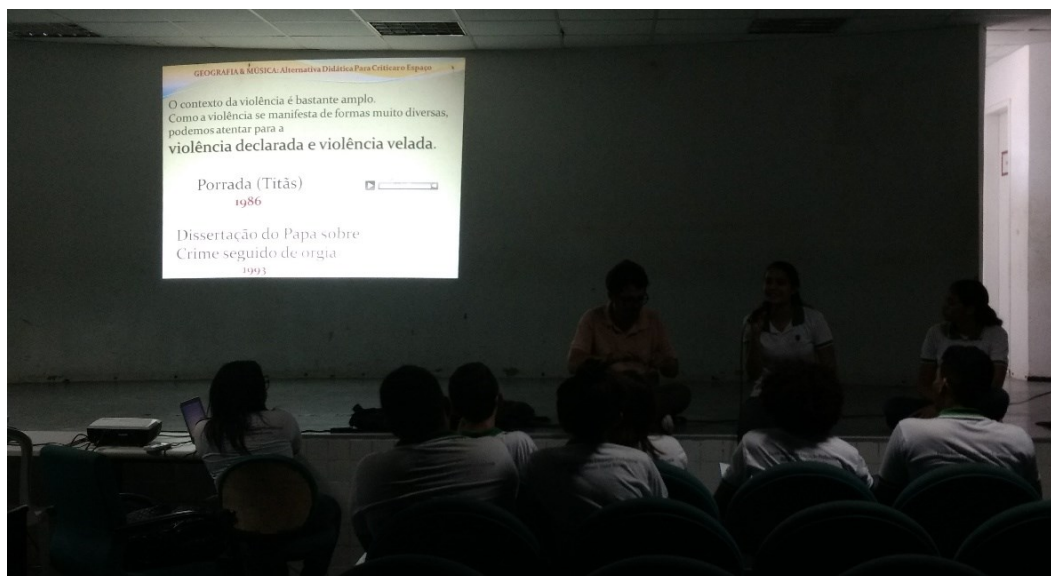
Porém, a utilização da música na geografia não se restringe à sala de aula. Anualmente, a escola realiza a Feira de Ciências e Tecnologia (FeCTec), onde os alunos formam grupos, apresentam a ideia que querem trabalhar ao professor que desejam ter como orientador e realizam ou propõem algo. Em um momento, algumas alunas procuram o Professor Antoine e, buscando um encaminhamento sobre o que trabalhar na feira de ciências, disseram: “a gente adora quando você usa a música pra explicar algum tema de geografia por que fica mais fácil de entender”. Nasce, então, o projeto “Geografia e Música”, que foi apresentado na feira de ciências como “Geografia e Música: alternativa didática para criticar o espaço”. Formou-se um grupo de estudos que realizava encontros semanalmente no horário do almoço tanto com monitores quanto com quem quisesse participar, e era realizado em uma sala que estivesse desocupada durante o horário de almoço (como o laboratório de matemática). Nos encontros, eram propostas discussões extracurriculares sobre os mais diversos temas, mas sempre a partir da música. As bandas e artistas utilizados nas discussões quase sempre eram do Rock Nacional: Titãs, Raul Seixas, Legião Urbana, Paralamas, Engenheiros; mas também outros artistas nacionais, como Belchior e Luiz Gonzaga. A ideia, além de debater diversos temas, era, segundo o Professor Antoine, fazer com que as gerações mais jovens conheçam os artistas que vão se perdendo no tempo, principalmente em momentos em que a cultura global se desenha nos padrões da música *pop* e a cultura local/nacional, nos padrões do sertanejo universitário. Também não é uma crítica direta a tais estilos musicais, mas sim à produção em massa daquilo que vende e que nem sempre tem algo a agregar.

O “Geografia e Música” passou a ser realizado no auditório da escola, seguindo a dinâmica: o tema era proposto e podia variar entre uma temática da geografia, como a globalização, ou alguma demanda midiática que aparecia, seja sobre violência, política ou sobre cultura e a discussão se desenvolvia a partir de músicas que tratavam, de alguma forma, daquele tema. No caso da violência, em 2017 o Brasil passou por um aumento enorme em casos de homicídio, tendo registrado mais de 65

mil casos (IPEA, 2019). No ano em questão, o “Geografia e Música” realizou uma intervenção para discutir o que é violência velada e violência declarada a partir das músicas “Porrada” (Titãs, 1986) e “Dissertação do Papa sobre o crime seguida de orgia” (Titãs, 1993) (figuras 2 e 3). Além da proposta de discussão, também se conversava sobre o artista em si, o contexto em que a música havia sido feita, discussão sobre a letra etc. Quando possível, as intervenções eram feitas com música ao vivo, e o auditório permitia isso. Antes do auditório, a música era cantada e acompanhada por um violão, seja pelo professor ou por algum membro da monitoria ou da equipe que tocasse/cantasse. Mais do que geografia e música, ali se desenhava o que, futuramente, viria a ser “Música e Formação Cidadã. O sucesso do projeto rendeu convites de outras escolas e algumas faculdades, mas uma certa decepção de algumas escolas que faziam o convite ficou aparente quando perceberam que o “Geografia e Música” não se tratava da utilização da música como “bizu”, de músicas que, em sua letra, explicavam algum conteúdo, ou que em seu refrão guardava a resposta para alguma questão. A mudança de nome se fez necessária para mostrar que, de fato, o que se pretendia não era decorar respostas para uma prova ou vestibular, mas sim desenvolver o senso crítico e a ideia de cidadania.

Figuras 2 e 3: Intervenção do Projeto “Geografia e Música” com o tema “Violência”, em 2017.





Fonte: Autor.

O grupo foi mudando naturalmente com o tempo. O projeto “Música e Formação Cidadã”, logo após a pandemia¹⁰, torna-se uma ação do “Coletivo Gastura Utópica”, que foi um novo grupo formado pelo Professor Antoine e alunos com o intuito de realizar diversas ações e eventos na EEEP Maria Carmem Vieira Moreira. O projeto “Música e Formação Cidadã” passou a ser uma ação realizada pelo “Coletivo Gastura Utópica”, no qual alunos tocavam, cantavam, apresentavam junto com a mediação do professor. O “Geografia e Música” passou a se chamar “Música e Formação Cidadã”, porém manteve a mesma metodologia (intervenções realizadas no auditório com a utilização de música para debater alguma demanda ou temática), mas sendo realizado como uma das ações do “Coletivo Gastura Utópica”.

Todas as transformações em relação ao nome do projeto ocorrem no período de 2015 a 2023, e diversas ações foram realizadas, mantendo a mesma metodologia, mas com algumas melhorias que foram possíveis, como a utilização do auditório da escola. Como já foi citado, as ações variavam entre temas da própria geografia, temas da mídia, política, cultura etc. Além disso, passa a utilizar não somente a música, mas a arte como um todo. Enquanto o projeto foi realizado na EEEP Maria Carmem Vieira

¹⁰ A pandemia de COVID-19, iniciada em dezembro de 2019 na China, espalhou-se rapidamente pelo mundo, levando a Organização Mundial de Saúde (OMS) a declarar pandemia em março de 2020. A crise resultou em milhões de mortes e impactos sociais significativos, com medidas como quarentenas e campanhas de vacinação sendo implementadas globalmente para conter a disseminação do vírus. Por aproximadamente dois anos, as aulas presenciais foram suspensas.

Moreira, diversos temas foram discutidos e o espaço também era utilizado para homenagear grandes nomes da música brasileira. Lembro, inclusive, ainda em 2017 – eu estava no terceiro ano do ensino médio –, uma das intervenções do então “Geografia e Música” teve que ser mudada de última hora, pois havíamos recebido a notícia de que havia falecido Belchior, uma das maiores referências artísticas cearense e do Brasil. Fez-se então um momento de homenagem a Belchior, cantando suas músicas e falando um pouco sobre sua história. Em uma das últimas ações, o projeto também homenageou a grande Rita Lee em 2023 (figuras 4 e 5).

Figuras 4 e 5: Homenagem a Rita Lee (2023)



Fonte: Instagram.

Atualmente, o projeto não é mais realizado na EEEP Maria Carmem Vieira Moreira. Em 2024, o professor Antoine realizou um projeto pedagógico que levava a mesma ideia em sua nova escola, a EEM Joaquim Magalhães, localizada em Itapipoca-CE, na qual o projeto recebe nova denominação: “No Canto do Mundo”.

3.2 Estágio Supervisionado em Geografia III

Atuar no Ensino Fundamental (anos finais) foi diferente. Em duas ocasiões, realizei os estágios com turmas de Ensino Médio, onde pude praticar a docência, porém atuar no Ensino Fundamental foi diferente. Não era a mesma escola, não eram os mesmos assuntos, nem a mesma faixa etária dos alunos – e, mesmo que pequena, a diferença entre alunos de 12 e 15 anos é perceptível. A experiência é mais intrigante se comparada com a Educação de Jovens e Adultos, na qual também pude atuar durante o Estágio III. Me encontrei, então, encarando duas realidades diferentes, duas diferentes propostas a serem pensadas. De qualquer forma, essa experiência uma hora teria que chegar, e foi justamente durante a realização do Estágio III. Sempre tive uma proximidade com o Ensino Médio, tanto pelos estágios, quanto por ter sido naquele momento que percebi que ensinar Geografia era o que eu queria fazer. Já gostava das possibilidades da dinâmica da aula de geografia. Por outro lado, as lembranças relacionadas à Geografia no Ensino Fundamental não eram tão boas assim: tive professoras e professores incríveis, mas não lembrava de ter o prazer em aprender Geografia. De qualquer forma, hoje compreendo que essa preferência por Ensino Médio ou Fundamental não deve ser definida por uma experiência que tive enquanto aluno. Como realizei o estágio em uma escola que fui aluno, poder ver de onde vim, reencontrar com professores, caminhar pela escola e se encher de lembranças foi algo especial.

Inicialmente, é necessário reiterar a importância das atividades de Estágio na formação docente. A aproximação com a escola, onde, antes do estágio, provavelmente só atuamos como alunos, é de suma importância para a compreensão daquele espaço totalmente diferente da universidade. Ainda mais quando, agora, atuamos de duas diferentes formas principais: o professor, é claro, durante as regências e como um aluno de estágio durante as fases de observação, planejamento

e participação dentro da sala de aula. O tempo todo, devemos passar por um momento de compreender, analisar e criticar o que fizemos. Estar presente no ambiente escolar permite que o aluno de graduação conheça sua profissão de perto, uma vez que o espaço da escola não é reproduzido nas universidades.

[...] o estágio prepara para um trabalho docente coletivo, uma vez que o ensino não é um assunto individual do professor, pois a tarefa escolar é resultado das ações coletivas dos professores e das práticas institucionais, situadas em contextos sociais, históricos e culturais. (PIMENTA; LIMA, 2006, p. 21)

Em relação ao espaço escolar e especialmente os alunos, é importante considerar o que Pereira (2016) reitera acerca da formação cidadã: existe um “barateamento” da compreensão do que é “ser cidadão”. O discurso geral é pautado em formar cidadãos, e os diferentes núcleos do nosso cotidiano têm todos sua parte nisso – tanto escolas, quanto igrejas, família etc. O “ser cidadão” agora é apenas uma questão constitucional, um seguimento de regras, uma forma de alienação do próprio indivíduo. Ao tratarmos da escola, cita ainda que as crianças são entregues à escola como matéria bruta a ser lapidada, para que sejam fabricados sujeitos homogêneos. Em contraproposta, considerando que a legislação brasileira valoriza a formação integral do indivíduo, o autor mostra seu ponto de vista ao defender uma formação integral que consiste na autopoiese, argumentando que o cidadão deve ser o sujeito autor de si:

Invariavelmente, os documentos oficiais e legislação sobre educação no Brasil preconizam a formação integral do indivíduo. Do meu ponto de vista, formar integralmente passa por contribuir para a criação de dispositivos favorecedores da autoapropriação, da apropriação dos expedientes de produção da subjetividade. [...] Falo da identificação e consecutiva apropriação de instâncias de autopoiese no complexo vivo de universos entrelaçados que perfaz uma existência (PEREIRA, 2016, p.179).

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria Pereira da Silva localiza-se na Rua Justino de Sousa, 842, no bairro Pajuçara, em Maracanaú-CE (figura 6). Conta com o turno manhã e tarde para Ensino Fundamental e no turno da noite com Educação de Jovens e Adultos (EJA). A escola apresenta uma boa estrutura. Mesmo sendo uma escola pública do município, as salas contam com ar-condicionado. O pátio da escola não é muito grande e apenas uma parte é coberta. Sobre as turmas,

o limite de alunos no Fundamental é de 35 alunos por turma. Quase todas as turmas já estavam com mais de 30 alunos. Mesmo com uma quantidade considerável de alunos cadastrados, um problema relatado pelos professores durante conversas é de que há uma preocupação em relação às faltas, pois muitos não comparecem.

Figura 6: Fachada da Escola EMEF Maria Pereira da Silva.



Fonte: Street View.

Em conversa com o professor Fábio, foi possível levantar que o mesmo concluiu sua graduação na Universidade Federal do Ceará, há pouco mais de 15 anos, e desde então tem atuado na rede pública de Maracanaú e em Fortaleza. Ele é responsável pelas turmas de 8º, 9º e turmas de EJA na escola. Para as turmas de EJA, dá aula de Geografia, Ensino Religioso, Artes e História. Na escola, não existe somente um professor de Geografia, mas sim três. Quando decidi ser supervisionado pelo professor Fábio, muito disso teve a ver com a vontade de atuar com as turmas de Jovens e Adultos. Dessa forma, no diálogo com o professor, questionei sobre a principal diferença que via nas turmas de EJA para o Fundamental, ele me respondeu que, é claro, além do número reduzido de alunos, o conteúdo tinha que ser mais “fácil”. Isso por que as turmas de EJA têm dificuldade para aprender conceitos básicos. O professor pediu para que eu realizasse intervenções que não se prendessem tanto aos conceitos e falasse sobre atualidades, sem deixar de lado a Geografia, é claro. Sobre as turmas de Fundamental II, me relatou que às vezes é difícil lidar com o ânimo

dos alunos, mas que gostam de fazer atividades. Complementou dizendo que as turmas de EJA também gostam de escrever, mas não falou sobre atividades. Quando lhe questionei sobre o motivo da escolha pela disciplina de Geografia, ele me respondeu que a Geografia lhe dá a possibilidade de sempre ensinar tentando fazer com que os alunos continuem no caminho da escola e da educação, pois trabalha noções de realidade.

3.2.1 A realização do Estágio: da observação à regência

Quando cheguei na EMEF Maria Pereira da Silva, fui muito bem recebido. Era uma escola onde eu já havia estudado e pouca coisa tinha mudado. Quando fui à direção, o Coordenador Pedagógico e a Diretora fizeram questão de reunir os professores de Geografia e me apresentar. Decidi, então, ser supervisionado pelo Professor Fábio, mas me deram a oportunidade de participar de outras aulas se fosse necessário. Participei tanto das aulas de 8º e 9º ano quanto de EJA.

Em relação ao EXPARGEO, prática proposta sustentada com base no livro “Pense como um Artista: ... E tenha uma vida mais criativa e produtiva” (Gompertz, 2015), devia-se planejar uma ação que envolvesse arte durante a regência. Optei por trabalhar com música. No momento da escolha, já não era algo inovador trabalhar com música – já havia uma boa bibliografia a se consultar sobre o tema..., mas os artistas também roubam, ou como em Gompertz (2015), “a criatividade é a apresentação de elementos e ideias preexistentes filtrados pelas percepções e sentimentos de um indivíduo”.

Ao iniciar as observações no EJA, constatei aquilo que havia sido me dito, de que, de mais de 20 alunos cadastrados, somente 6, em média, participavam das aulas e eram sempre os mesmos, algumas vezes vinham outros. A aula era rápida, em média 30 minutos, normalmente com a utilização de vídeos, podendo ser documentários ou vídeos pedagógicos, algo copiado no quadro e pouca explicação do professor propriamente dita. Os alunos gostavam de copiar, e percebi uma certa resistência deles à visualização de filmes, por exemplo. Em uma ocasião, uma aluna que era de outra turma veio “convocar” os alunos da turma do EJA na qual eu estava

para cobrarem juntos na coordenação uma atitude com relação à ausência da professora de língua portuguesa – a ausência da professora de português contribuiu para que outros professores alternassem entre si para substituir a aula de língua portuguesa nas turmas de EJA. Algo que me chamou a atenção foi a reclamação da aluna em relação aos filmes que os professores exibiam em sala de aula, ela disse: “filme não é aula. Eu não sei vocês, mas não aprendo nada com filmes” e o professor Fábio explicou que o uso de recursos didáticos fazia parte do currículo, no qual era necessário trabalhar com uma parte de literatura, algo do tipo. Em termos de participação, a turma sempre foi bem ativa. Se você perguntasse sobre algo que lhes é cotidiano, algo que não exatamente está ligado a conceitos distantes, como, por exemplo, mudanças relacionadas à segurança praça que fica próxima à escola depois da construção da Unidade de Pronto Atendimento (UPA), sempre respondiam. Devo admitir que algumas vezes a turma simplesmente não interagiu.

Nas turmas de Fundamental II, talvez pela diferença de idade, mas para eles, a minha presença ali era algo diferente e causava um certo estranhamento – mas nada ruim, um estranhamento bom. Observei que as turmas gostavam da aula de Geografia, e quando eu participava, gostavam de me ouvir. Muitos alunos sempre vinham até mim para conversar, perguntavam sobre o que eu fazia, do que eu gostava, o que assistia, afinal de contas eu, enquanto estagiário, não era o professor. A reação deles era natural, era de conversar coisas que conversavam com os colegas. As experiências de observação e participação foram de suma importância para o que eu iria planejar nas regências e o EXPARGEO.

Com a observação, levantei pontos em relação ao planejamento: inicialmente, já queria realizar o EXPARGEO. O principal ponto foi considerar a diferença que há em realizar uma intervenção didática com turmas do Ensino Fundamental II e turmas de EJA, pois é durante o ensino básico que “o aluno vai construir suas percepções sobre os múltiplos espaços e tempos, clássicos e contemporâneos, objetivando a construção da totalidade espacial” (Macário, 2011, p. 109). Optei por realizar com a turma de EJA algo diferente, pois minhas pesquisas sobre utilização de música como recurso didático sempre tinham como foco os alunos de Ensino Fundamental ou de Ensino Médio, mas não do EJA. Planejei, então, uma aula sobre as Américas com foco na América Latina e no Brasil com a utilização de uma apresentação de slides. Para iniciar, apresentei à turma o conceito de Colonialismo, que é um “método de

dominação de uma nação sobre outra por meios territoriais, culturais e econômicos” (Marrano, 2021). Em seguida, com a ajuda de um mapa (figura 7), mostrei-lhes as Américas e diferenciei a América Anglo-saxônica e América Latina. A partir daí, nos aprofundamos no que é uma colônia de povoamento, que foi o método utilizado por britânicos e franceses na colonização dos Estados Unidos e do Canadá. Em contrapartida, os países latino-americanos foram vítimas do modelo colonial de exploração. Enquanto o Brasil era explorado por portugueses, outros países da América Latina eram explorados principalmente por espanhóis. Na diferenciação dos dois tipos de colonização, definimos a colônia de povoamento como aquela onde os colonos buscam habitar permanentemente o novo território, enquanto que a colônia de exploração é aquela destinada à extração de recursos para o enriquecimento do colonizador. Com foco no Brasil, falamos sobre a chegada dos portugueses e a escravidão indígena, que foi uma alternativa à utilização de mão de obra escrava africana até a chegada dos jesuítas no Brasil. Mesmo assim, muitos povos nativos foram dizimados durante o período colonial. Após isso, foi proposto um debate sobre como a história de colonização, exploração e escravidão no Brasil poderia afetar os dias de hoje, a fim de entrar na discussão que seria trazida pela música escolhida para o EXPARGEO.

Figura 7: América Anglo-Saxônica e América Latina



Fonte: Brasil Escola [s.d.]

O Experimento Artístico Geoeducativo (EXPARGEO) baseava-se em elaborar um projeto que poderia ser realizado tanto em palco (teatral, ao vivo) ou em tela (fílmico, gravado) e que fosse relacionado à regência. No meu caso, inseri a música e não houve restrições.

O tema em discussão era 'Américas', então optei por trabalhar com a música 'Índios' (Legião Urbana, 1986). A letra, marcada por um tom poético e introspectivo, aborda reflexões sobre perdas e decepções. O refrão, em especial, quando diz 'Eu quis o perigo e até sangrei sozinho, entenda / Assim, pude trazer você de volta pra mim', relata uma angústia do autor que não necessariamente é complementada no restante da letra, porém está presente. No entanto, vai além ao tratar – inclusive como foco principal, considerando a composição em sua totalidade – da questão dos povos originários e da violência sofrida após a chegada dos portugueses ao território que hoje corresponde ao Brasil, que, como foi relatado, havia sido o tema discutido em sala de aula. Logo no início, temos 'Quem me dera, ao menos uma vez / Ter de volta todo ouro que entreguei / A quem conseguiu me convencer que era prova de amizade / Se alguém levasse embora até o que eu não tinha', apresentando metáforas relacionadas ao ouro que foi levado do Brasil durante o ciclo do ouro. 'Até o que eu não tinha' se refere ao fato de ser um minério que sequer era explorado até então. 'Quem me dera, ao menos uma vez / Que o mais simples fosse visto como o mais importante / Mas nos deram espelhos e vimos um mundo doente' é mais uma alusão à colonização dos povos nativos, quando o escambo era a forma de 'comércio' utilizada para a extração do pau-brasil com a utilização da mão de obra indígena. Além disso, 'vimos um mundo doente' fala sobre doenças que foram trazidas da Europa para o Brasil, sendo que os povos nativos não tinham resistência à tais infecções, como por exemplo a varíola.

Uma epidemia iniciada em Portugal em 1562 teve repercussões inesperadas e trágicas em seus domínios do outro lado do Atlântico. O primeiro local atingido foi Itaparica e, em menos de um ano, a doença foi reintroduzida em Ilhéus, na Bahia. Dali se espalhou para toda a costa brasileira, em especial nos aldeamentos e missões fundadas pelos jesuítas. Entre os anos 1563 e 1564, calcula-se que nada menos de 30.000 brasilíndios tenham morrido nos primeiros 90 dias após a eclosão, mas como o surto se estendeu por vários meses, é possível que a mortalidade tenha sido ainda maior. (GURGEL; ROSA, 2012. p. 390)

Mais à frente, a música traz ‘Quem me dera, ao menos uma vez / Entender como um só Deus, ao mesmo tempo, é três / E esse mesmo Deus foi morto por vocês / Só maldade, então, deixar um Deus tão triste’ relata o momento de dominação cultural trazido pelas missões jesuíticas, que visava converter os povos nativos ao cristianismo. “Um Deus que ao mesmo tempo é três” faz referência à Santíssima Trindade da Bíblia Sagrada e “Esse mesmo Deus foi morto por vocês”, à crucificação de Jesus Cristo.

Para mostrar-lhes a música, utilizei um videoclipe da mesma e apresentei com a utilização de um notebook e uma televisão. O videoclipe, juntamente com a discussão trazida a partir da letra da música, foi o último momento da aula.

Realizei o EXPARGEO com duas turmas de EJA, sendo que as duas foram em seguida, na mesma noite, com aulas de 50 minutos cada. Na primeira turma, iniciei com a apresentação dos slides. A turma reagiu de uma ótima forma, participando do debate sobre racismo que apareceu durante a sala de aula. Acredito ter sido um sucesso mostrar à turma que a colonização do Brasil pelos portugueses tem impactos até mesmo nos dias de hoje, como através do racismo estrutural, que é o racismo incorporado em políticas públicas, práticas institucionais e na própria cultura.

[...] o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. (ALMEIDA, 2018. p. 38)

Trazer a discussão justamente para o que acontece hodiernamente foi o que os motivou a participar. O tempo era curto, mas como houve uma ótima participação no geral, consegui abordar tudo que havia sido planejado (conteúdo sobre as Américas, período colonial no Brasil e povos nativos, escravidão) e ainda trazer para a sala o debate sobre a contemporaneidade. No fim da aula, mostrei aos alunos o videoclipe da música “Índios”. Não houve comentários sobre a música, então questionei se haviam entendido o motivo de ter escolhido esta música para a aula do dia. A turma já era bem pequena (cerca de 10 alunos), e como somente duas pessoas disseram ter entendido, fiz uma explanação para encerrar a aula mostrando no slide trechos da música, fazendo uma ligação com o que havíamos acabado de discutir em

sala de aula. A primeira aula terminou com a sensação de que havia dado tudo certo – percebi que deveria fazer algumas mudanças na próxima aula para não fugirmos do tempo que tínhamos. Com a segunda turma de EJA, eu já estava bem mais confiante em como realizar a intervenção e sabia o que devia mudar. Porém, durante a explanação do conteúdo sobre a colonização no Brasil, pouco a turma se mobilizou a participar. Era um clima totalmente diferente do que havia sido anteriormente, e a ótima experiência anterior de uma turma participativa havia sido trocada por uma aula-monólogo. De qualquer forma, segui na explicação do conteúdo tentando durante a aula trazer a turma para uma discussão, e trouxe então a discussão sobre racismo que tive na turma anterior, e só aí a turma reagiu, porém somente com algumas poucas pessoas participando. Por fim, mostrei-lhes a música ao fim da aula, mas terminei a aula ouvindo de uma aluna a seguinte frase: “não entendi o que essa música teve a ver com a aula”. Logo me prontifiquei a fazer a relação do que a letra da música trouxe com o que havia sido mostrado durante a aula, mas admito que a experiência me fez pensar sobre o que é que tinha dado errado. Não posso dizer que tenho a resposta, mas tenho algumas suposições: a primeira tem relação com o que já foi citado sobre a diferença entre preparar algo para turmas de fundamental e turmas de EJA, pois é um público totalmente diferente. Para uma primeira experiência utilizando a música como um recurso didático em tal situação, é preciso entender que uma das possibilidades era a de que a intervenção não fosse perfeita; a segunda tem a ver com a transposição que fiz do conteúdo para a música. Se na primeira turma eu tive o apoio de um debate sobre o que havia sido tratado em aula antes de apresentar a música, isso contribuiu para o entendimento da letra. Na segunda turma, como relatei, a participação foi baixa, e acredito que não ter trazido a turma para o debate influenciou na tentativa de relacionar a música com a aula.

De qualquer forma, avalio que a realização do EXPARGEO com as turmas de EJA foi um sucesso. A proposta inicial de discutir um tema a partir de uma música foi invertida (primeiro discutiu-se o tema e só então fomos para o recurso didático), porém foi a proposta considerando as diferenças encontradas durante o período de observação. A ótima experiência durante a intervenção com a primeira turma me mostrou que eu estava no caminho certo, e não interpreto a segunda como um erro ou fracasso, mas sim como uma oportunidade de refletir sobre o que deve permanecer e o que deve mudar.

3.3 Coletivo Gastura Utópica: Música e Formação Cidadã

De várias intervenções tanto do grupo de estudos quanto da coletiva que pude participar (seja como membro ou apenas como espectador), decidi ressaltar uma que aconteceu no dia 6 de outubro de 2023. Nesse dia, o Coletivo Gastura Utópica realizou uma ação do Música e Formação Cidadã para encerrar mais uma edição da FeCTec na escola, e a escolha da temática e das músicas acompanhou um dos temas mais trabalhados pelas equipes das escolas na feira científica, que foi a questão da demarcação de terra dos povos nativos, justamente em um momento em que o Marco Temporal das terras indígenas voltou a ser pauta. Tratava-se de um momento de conflito, em que o movimento indígena realizou ações de luta em Brasília contra o Marco Temporal (PL 490) (figuras 8 e 9), que somente considera terras indígenas aquelas que já estavam em posse dos povos originários na data da promulgação da Constituição Federal, em 5 de outubro de 1988. Uma comprovação dessa posse também passa a ser exigida.

Cria-se então um marco temporal, dificultando, ou melhor, quase impossibilitando a demarcação de novas terras indígenas e a perda de diversas outras que estão no meio do processo, iniciados pós constituição [...]. Existem também outros pontos que não são tão debatidos, que são possivelmente inconstitucionais, como a possibilidade de retirar áreas de usufruto exclusivo dos indígenas, quando existir, por exemplo, interesses de garimpagem ou “relevante interesse público da união”. (COSTA, 2021, p. 49)

Figura 8: Protesto em Brasília contra o Marco Temporal em 2023.



Fonte: WWF Brasil.

Mesmo após uma vitória dos povos nativos com a decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) em considerar o Marco Temporal como inconstitucional, o Congresso aprovou a lei 14.701/2023, que regulamentava, novamente, o Marco Temporal.

Figura 9: Publicação em jornal sobre protestos indígenas no Congresso.

POLÍTICA

Indígenas protestam no Congresso contra projeto do marco temporal e falam em 'genocídio legislado'

Deputados governistas pedem a retirada do projeto de pauta. Proposta fixa marco temporal em 5 de outubro de 1988 e flexibiliza uso exclusivo de terras pelas comunidades.

Por Luiz Felipe Barbiéri, g1 — Brasília
30/05/2023 15h59 · Atualizado há um ano

Fonte: G1.

Durante a semana da feira científica, fui convidado para ser um dos avaliadores dos projetos apresentados pelos alunos. Fui muito bem surpreendido ao ver o desenvolvimento de muitas equipes e a escolha por temas de grande impacto social, como a própria questão da demarcação das terras de povos nativos, combate à discriminação por gênero, identidade de gênero e sexualidade, feminismo, violência urbana e escolar. Lembrei de quando era eu um dos participantes, e vi que, atualmente, há um grande comprometimento da maioria das equipes.

A semana da feira científica foi encerrada com uma ação do Coletivo Gastura Utópica com o Música e Formação Cidadã, trabalhando o tema central da feira científica do ano de 2023 com as músicas “Índios” (Legião Urbana, 1987) e “Um Índio” (Caetano Veloso, 1977) (figuras 10 e 11).

Figuras 10 e 11: “Música e Formação Cidadã” com as músicas “Índios” e “Um Índio”.



Assim como em minha outra experiência (o EXPARGEO), a música “Índios” aparece, mas dessa vez juntamente com a música “Um Índio”, que fala da chegada de um índio em uma estrela brilhante, trazendo consigo uma sabedoria que ‘...Surpreenderá a todos, não por ser exótico / Mas pelo fato de poder ter sempre estado oculto / Quando terá sido o óbvio’. A música termina dessa forma, mostrando que o índio irá mostrar uma sabedoria surpreendente porque era óbvia, mas estava oculta, podendo significar justamente o esquecimento e a invisibilização dos povos indígenas.

Trazendo para a contemporaneidade, um dos tópicos discutidos durante a intervenção foi justamente a utilização do termo “índio”, que aparece em ambas as músicas e que pode reforçar estereótipos e preconceitos que simplifica a complexidade dos povos indígenas, além de ser um termo com histórico colonial e ser generalista. Para Mignolo (2005, p. 43, *apud* Rosa, 2015, p. 260), a utilização do termo “índio” discursa uma situação de inferioridade com que povos nativos foram tratados em relação aos colonizadores.

Essa perspectiva nos coloca diante de um revisionismo em relação ao termo “índio” que foi amplamente naturalizado nos discursos oficiais e que, equivocadamente, foi atribuído às mais de mil nações que existiam no território nomeado de Brasil. (ROSA, 2015, p. 260)

Porém, a discussão é levada a criticar até mesmo isso, não desconsiderando a importância de se utilizar o termo correto, mas atentando-se a não simplificar uma causa tão importante à simples denominação de qual é o termo correto. Os autores utilizaram os termos que lhes eram convenientes em determinado momento histórico, e tentar descredibilizar ambas as músicas por algo assim constitui um erro anacrônico. É de extrema importância que nos dias de hoje possamos discutir a questão do termo mais adequado, mas não podemos cair na armadilha da simplificação – não podemos acreditar que utilizando o termo correto a situação irá mudar, mas com certeza é um passo necessário.

4 CONCLUSÃO

Ao longo de minhas experiências, pude perceber que a música é geografia. A escolha do tema que se deu por experiências que vêm antes mesmo da graduação comprovaram isso, mas é somente hoje que posso me entender como Professor de Geografia.

Durante a graduação e, mais especificamente, durante o Estágio que aqui foi relatado, pude, pela primeira vez e por minha conta, utilizar a música como recurso didático em uma aula de Geografia. Terminei minha primeira experiência com dois resultados diferentes, sendo um deles positivo e o outro uma dúvida.

As experiências vividas durante o Geografia e Música que veio a se tornar Música e Formação Cidadã foram de extrema importância para que eu pudesse ver que, de fato, a música é um ótimo recurso didático a ser explorado nas aulas de geografia. Na verdade, mais do que nas aulas, considerando que tanto o grupo de estudos quanto o Coletivo Gastura Utópica realizavam suas intervenções fora da sala de aula propriamente dita.

Ao sintetizar ambas as experiências, percebo que a dúvida que aparece na realização do EXPARGEO pode ser respondida de uma simples forma: nem sempre vai funcionar. A música não é o único recurso didático a ser explorado. Não existe somente uma turma, um tema, um tópico. A grande gama de recursos didáticos sejam eles do campo da arte, como a música, ou outras formas de linguagem nos dá a liberdade de planejar e realizar aulas das mais diferentes formas possíveis. Para mim, é confortável trabalhar utilizando aquilo que amo, mas devo reconhecer que nem sempre vai funcionar. Também devo reconhecer que a frustração faz parte do processo. A partir do momento que tentei algo e “fracassei”, na verdade não foi um fracasso, mas como já foi dito, eu apenas descobri algo que não dá certo. O professor também é um artista na sua necessidade contemporânea de se reinventar a cada momento, e, tal como um artista, também podemos aprender errando.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

BRASIL. Projeto de Lei nº 490, de 2007. Regulamenta a demarcação de terras indígenas no Brasil. Disponível em: [https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=345311&fichaAmigavel=nao]. Acesso em: 8 de fevereiro de 2025.

BRASIL. Lei nº 14.701, de 20 de outubro de 2023. Regulamenta o art. 231 da Constituição Federal, para dispor sobre o reconhecimento, a demarcação, o uso e a gestão de terras indígenas; e altera as Leis nºs 11.460, de 21 de março de 2007, 4.132, de 10 de setembro de 1962, e 6.001, de 19 de dezembro de 1973. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 1, 20 out. 2023.

CARNEY, George O. Música e lugar. *In*: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007. p. 123-150.

CASTOLDI, R.; POLINARSKI, C. A. **A Utilização de Recursos Didático-Pedagógicos na Motivação da Aprendizagem**. I Simpósio Nacional de Ensino de Ciência e Tecnologia – 2009. p. 684-692.

CAVALCANTI, L. S. Geografia Escolar e a Construção de Conceitos no Ensino. *In*: CAVALCANTI, L. S. **Geografia, Escola e Construção de Conhecimentos**. p.87-136.

COSTA, Isaac Santos Ismael da. **MARCO TEMPORAL E TERRAS INDÍGENAS: ANÁLISE DA (IN)CONSTITUCIONALIDADE DO PROJETO DE LEI 490 E OS SEUS EFEITOS SOBRE A TI POTIGUARA DE MONTE-MÓR**. Trabalho de Conclusão de Curso (Direito) – Departamento de Ciências Jurídicas, Universidade Federal da Paraíba. Paraíba, p.99, 2021.

DOZENA, Alessandro. **Geografia e Música: diálogos**. Natal: EdUFRN, 2016, 399p.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 39 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

FREITAS, Eduardo de. "As diferenças entre América Latina e Anglo-saxônica"; *Brasil Escola*. Disponível em: https://brasilecola.uol.com.br/geografia/as-diferencas-entre-america-latina-anglosaxonica.htm. Acesso em 8 de fevereiro de 2025.

FUINI, L. L. **O Ensino de Geografia e de seus conceitos através da música**. GEOGRAFIA, Rio Claro, v. 38, n. 1, p. 93-106, jan./abr. 2013.

G1. Indígenas protestam contra projeto do marco temporal e falam em 'genocídio legislado'. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/05/30/indigenas-protestam-contra-projeto-do-marco-temporal-e-falam-em-genocidio-legislado.ghtml>. Acesso em: [data de acesso].

GOMPERTZ, Will. **Pense como um artista... e tenha uma vida mais criativa e produtiva**. Jorge Zahar Editor: 2015.

GURGEL, Cristina Brandt Friedrich Martin; ROSA, Camila Andrade Pereira da. História da Medicina: A Varíola no Brasil Colonial (Séculos XVI e XVII). **Revista de Patologia Tropical**, Vol. 41 (4): 387-399. out.-dez. 2012.

HAHN, J. B.; KAERCHER, N. A. Os arredores da escola: lugarizando a aprendizagem, vivenciando a geografia por meio de maquetes e cordel. *In*: CASTROGIOVANNI, A. C.; TONINI, I. M.; KAERCHER, N. A.; COSTELLA, R. Z. (Orgs.). **Movimentos para ensinar geografia – oscilações**. Porto Alegre: Editora Letra1, 2016, p.255-277.

KAERCHER, Nestor André. A geografia é o nosso dia-a-dia. *In*: CASTROGIOVANNI et al (Orgs.). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. 4. ed. Porto Alegre: Ed. UFRGS/AGB, 2003. p. 11-21.

LACOSTE, Yves. **A geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Campinas: Papirus, 1988

MACÁRIO, M. Imagem do livro didático e planejamento do ensino em geografia: desafios a formação de conceitos espaciais. **GEOgraphia**, v. 12, n. 24, p. 108-122, 17 nov. 2011.

MACEDO, C. O.; OLIVEIRA, A. C. F.; SILVA, S. M. O Ensino de Geografia por entre Letras e Canções. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 10, n. 20, p. 302-317, jul./dez., 2020.

MARRANO, Maria Beatriz Vieira. O que é Colonialismo? **Laboratório de Estudos em História do Mundo Árabe e Islã**, 2021. Disponível em: <<https://sites.unipampa.edu.br/lehmai/o-que-e-colonialismo/>>. Acesso em: 5 de fevereiro de 2025.

MIGNOLO, Walter. **La idea de América Latina: La herida colonial y la opción decolonial**. Barcelona: Gedisa, 2005.

MUNIZ, A. A música nas aulas de geografia. **Revista de Ensino de Geografia**, Uberlândia, v. 3, n. 4, p. 80-94, jan./jun. 2012.

OLIVEIRA, V. H. N.; HOLGADO, F. L. Conhecendo novos sons, novos espaços: A música como elemento didático para as aulas de Geografia. *In*: DOZENA, Alessandro. **Geografia e Música: diálogos**. Natal: EdUFRN, 2016, 399p.

PEREIRA, M. V. **A Estética da Professoralidade: Um Estudo Interdisciplinar sobre a Subjetividade do Professor**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2016. 248p.

PEREIRA, S. S. A música no ensino de geografia: abordagem lúdica do semiárido nordestino – uma proposta didático pedagógica. **Geografia Ensino & Pesquisa**, vol. 16, n. 3, set./dez. 2012.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e docência: diferentes concepções**. Revista Poíesis -Volume 3, Números 3 e 4, pp.5-24, 2005/2006

ROSA, Francis Mary Soares Correia da. A invenção do índio. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 9, n. 3, p. 257-277, jul./dez. 2015.

SATO, E. C. M.; FORNEL, S. R. Conhecimento do espaço escolar. *In*: PASSINI, E. Y. **Prática de ensino e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 52-57.

SILVA, M. J. D.; LIMA, A. S. O desinteresse dos alunos nas aulas de geografia. *In*: **III Congresso Nacional de Educação (CONEDU)**. 2013.

SOUZA, S. E. **O uso de recursos didáticos no ensino escolar**. Arq Mudi. 2007;11 (Supl:2):110-4

TRIPP, David. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica***. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

WWF Brasil. Lei 14701/2023 ameaça os direitos indígenas e a conservação do meio ambiente. Disponível em: <<https://www.wwf.org.br/?88560/Lei-147012023-ameaca-os-direitos-indigenas-e-a-conservacao-do-meio-ambiente>>. Acesso em: 5 de fevereiro de 2025.

MÚSICAS REFERENCIADAS

APESAR de Você. Intérprete: Chico Buarque. Compositor: Chico Buarque. *In*: **CHICO BUARQUE (1978)**. Intérprete: Chico Buarque. [S. l.]: Philips, 1978. 1 disco vinil, lado B, faixa 6 (3min 54s).

ASA Branca. Intérprete: Luiz Gonzaga. Compositores: Luiz Gonzaga; Humberto Teixeira. *In*: **ASA Branca**. Intérprete: Luiz Gonzaga. [S. l.]: RCA Victor, 1947. 1 disco vinil, lado B, faixa 1 (2min 51s).

DISSERTAÇÃO do Papa sobre o crime seguida de orgia. Intérprete: Titãs. Compositores: Titãs. *In*: **TITANOMAQUIA**. Compositor: Titãs; A. Antunes. Intérprete: Titãs. [S. l.]: WEA, 1993. 1 disco vinil, lado A, faixa 12 (3min 08s).

FAROESTE Caboclo. Intérprete: Legião Urbana. Compositor: Renato Russo. *In*: **QUE PAÍS é este**. Compositores: R. Russo; F. Lemos; M. Bonfá; R. Rocha; D. Villa-Lobos. Intérprete: Renato Russo. Rio de Janeiro: EMI-Odeon, 1987. 1 disco vinil, lado B, faixa 7 (9min 10s).

FOTOGRAFIA 3x4. Intérprete: Belchior. Compositor: Belchior. *In*: **ALUCINAÇÃO**. Intérprete: Belchior. Rio de Janeiro: Philips, 1976. 1 disco vinil, lado A, faixa 9 (5min 24s).

ÍNDIOS. Intérprete: Legião Urbana. Compositor: Renato Russo. *In*: **DOIS**. Compositores: R. Russo; M. Bonfá; R. Rocha; D. Villa-Lobos. Intérprete: Renato Russo. Rio de Janeiro: EMI, 1986. 1 disco vinil, lado B, faixa 12 (4min 23s).

JUMENTO Celestino. Intérprete: Mamonas Assassinas. Compositores: Dinho; B. Hinoto. *In*: **MAMONAS Assassinas**. Compositores: Dinho; J. Rasec; B. Hinoto; S. Reoli; H. Mancini; Baba Cósmica. Intérprete: Mamonas Assassinas. [S. l.]: EMI, 1995. 1 disco vinil, lado A, faixa 5 (2min 37s).

MIGRAÇÃO. Intérprete: Jair Rodrigues. Compositor: J. Rodrigues. *In*: **EM BRANCO e preto**. Compositor: J. Rodrigues. Intérprete: Jair Rodrigues. [S. l.]: Trama, 2008. 1 disco vinil, lado A, faixa 5 (4min 35s).

PEGUEI um Ita no Norte. Intérprete: Dorival Caymmi. Compositor: Dorival Caymmi. *In*: **DORIVAL Caymmi**. Intérprete: Dorival Caymmi. [S. l.: s. n.], 1945. 1 disco vinil, lado A, faixa 1 (3min 19s).

PORRADA. Intérprete: Titãs. Compositores: A. Antunes; S. Britto. *In*: **CABEÇA Dinossauro**. Compositor: P. Miklos; B. Mello; A. Antunes; M. Fromer; S. Britto; N. Reis; T. Bellotto; C. Gavin. Intérprete: Titãs. Rio de Janeiro: WEA, 1986. 1 disco vinil, lado A, faixa 7 (2min 49s).

PRA não dizer que não falei das flores. Intérprete: Geraldo Vandré. Compositores: Geraldo Vandré. *In*: **PRA não dizer que não falei das flores**. Compositor: G. Vandré. Intérprete: Geraldo Vandré. [S. l.: s. n.], 1968. 1 disco vinil, lado A, faixa 1 (6min 49s).

SÚPLICA Cearense. Intérprete: O Rappa. Compositor: Waldeck Macedo. *In*: **7 vezes**. Intérprete: O Rappa. [S. l.]: Warner Music, 2008. 1 disco vinil, lado A, faixa 10 (6min 03s).

UM ÍNDIO. Intérprete: Caetano Veloso. Compositores: Caetano Veloso. *In*: **BICHO**. [Compositor e intérprete]: Caetano Veloso. [S. l.]: Philips, 1977. 1 disco vinil, lado B, faixa 1 (2min 57s).